

O lazer e a construção da identidade numa comunidade rural de descendentes germânicos em Pelotas

Patrícia Weiduschadt ¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar as manifestações de lazer numa comunidade rural de descendentes germânicos, e as implicações do lazer na construção da identidade e memória do grupo, a partir dos tensionamentos e conflitos existentes. A pesquisa foi realizada na Colônia Triunfo e contou com uma metodologia da observação participante nos eventos religiosos e não religiosos e entrevistas a depoentes jovens e da geração antiga. Num primeiro momento nos apropriamos dos conceitos de identidade e memória do imigrante no contexto histórico da imigração, como os valores e as tradições foram reinventados. Em segundo lugar percebemos as implicações entre trabalho, religião e lazer. Por fim, analisamos como o lazer provoca o sentimento de pertencimento do grupo, estabelecendo redes de sociabilidade nos campos da religião, lazer e trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: *Lazer, identidade, memória, religião, comunidade rural.*

ABSTRACT: The objective of this article is to analyze the manifestations of leisure in a rural community of German descendents, and the implications of leisure on the construction of the personality and the memory of the group, from the existing tensions and conflicts. The research was carried out at "Colônia Triunfo" and counted on a methodology of participating observation at religious and non-religious events and interviews with young and of older generation witnesses. At a first moment we appropriated for the concepts of identity and memory of the immigrant in the historical context of the immigration, the way the values and the traditions have been reinvented. Second we observed the implications between work, religion and leisure. At last, we analyzed how leisure provokes the feeling of belonging to a group, establishing nets of sociability in the fields of religion, leisure and work.

KEY-WORDS: *Leisure, Identity, Memory, Religion, Rural Community.*

¹ Especialista em Memória, Identidade e Cultura Material do Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil. Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da mesma universidade.

Introdução

O presente artigo² procura analisar as manifestações de lazer de uma comunidade rural de descendentes germânicos ligados a uma comunidade religiosa luterana³, objetivando compreender as diferentes relações e implicações de lazer na construção da identidade e memória do grupo, a partir dos tensionamentos e conflitos existentes.

A comunidade rural fica localizada na região meridional do Rio Grande do Sul, na colônia Triunfo, Costa do Arroio Grande, no interior de Pelotas. O grupo é composto, em sua maioria por descendentes de imigrantes alemães, da etnia pomerana⁴. A historiografia revela que a colônia foi fundada por João Batista Scholl em 1900 (ANJOS, 2000). Pelos registros da igreja constata-se que a comunidade religiosa foi formada em 18 de março de 1895.

Atualmente, a comunidade de Triunfo está localizada no 4º distrito de Pelotas. Esta comunidade religiosa se originou de uma organização livre independente⁵ e hoje é filiada a Igreja Evangélica Luterana do Brasil. O grupo mantém ligação com a Igreja e está

² Este artigo resultou da monografia de especialização no programa do ICH/UFPEL tendo como orientadora a professora Ms. Renata Brauner Ferreira.

³ A igreja luterana desta comunidade denominada de Igreja Evangélica Luterana do Brasil instalou-se na região sul em 1900, é oriunda dos Estados Unidos, mas formada por imigrantes alemães no início do século, chamada Sinodo de Missouri. Os Sinodos foram idealizados por organizações luteranas que são orientadas aqui no Brasil por organismos fora do país, como o Sinodo de Missouri, procedente dos Estados Unidos. Esta organização procurou orientar e apoiar as comunidades, formando pastores para atender os grupos que se encontravam no Brasil, especialmente de origem germânica. A disseminação da religião luterana foi direcionada no intuito de assegurar a educação religiosa e os cerimoniais que implicavam a religiosidade, como casamentos, batizados, funerais, etc.

⁴ Os pomeranos são descendentes de alemães e vieram de uma região da Alemanha chamada Pomerânia, mantém um dialeto próprio.

⁵ As igrejas independentes luteranas ainda estão presentes no contexto da zona rural de Pelotas. Estas comunidades eram organizadas de forma autônoma, não queriam ter vínculos com comunidades sinodais. Entretanto algumas comunidades independentes filiaram-se ao Sinodo de Missouri, a atual IELB. Sobre os sinodos e formação das igrejas independentes ver em Teichmann (1996), Gertz (1998), Dreher (1984) entre outros.

organizado em pequenas propriedades, numa economia de agricultura familiar.

Para entender as manifestações de lazer do grupo buscamos através de uma metodologia da Observação Participante, e com entrevistas semi-estruturadas para entender este processo. As observações foram feitas num trabalho de campo a partir dos eventos que o grupo participa, em uma aproximação com a perspectiva antropológica (DA MATTA, 1981). Observamos eventos religiosos, como congressos, festas da igreja, reuniões da igreja, ensaios do coral e eventos não religiosos como bailes.

Ainda as entrevistas foram realizadas a geração mais jovem, com três depoentes e a dois depoentes representando a geração idosa. Foi importante este contraponto para entender as modificações dos valores do lazer no grupo e a influência da igreja. Por isso, fez-se necessário entrevistar o pastor local.

O artigo pretende apoiar-se em três eixos: primeiro entender os conceitos de identidade e memória do imigrante no contexto histórico da imigração, como os valores e as tradições foram reinventados. Em segundo lugar perceber as implicações entre trabalho e lazer, focalizando o campo religioso⁶ como condutor das relações de trabalho e lazer na comunidade, e por fim compreender as manifestações de lazer, contrastando os gostos da geração jovem com as orientações religiosas e também com as gerações antigas, ressaltando os ritos de passagem, como do casamento e da confirmação que se relacionam com as práticas de lazer do grupo. Analisamos ainda, como o lazer provoca o sentimento de pertencimento do grupo, estabelecendo redes de sociabilidade nos campos da religião, lazer e trabalho.

⁶ O conceito de campo é definido e referendado no artigo por Bourdieu (1994), em que o autor define a formação de um campo a partir de disputas para fortalecê-lo.

Identidade e Memória na reinvenção do imigrante no Brasil

A identidade e a memória de um grupo não pode ser considerada como algo dado de forma natural e essencial, que depende somente da raça ou sendo geneticamente determinada. Mas, entendemos que a identidade e a memória do grupo são construídas num processo, implicado nas relações sociais dentro do grupo e fora dele, formando e reinventando um processo identitário e de rememoração.

Ao explicitarmos estes conceitos precisamos levar em consideração os estudos culturais, que criticam a perspectiva essencialista. Assim define Mendes:

(...) As pessoas não têm dificuldades em essencializar, e procuram, quase sempre, ancorar as suas identificações em identidades fixas, essencialistas, naturais, genéticas e históricas. [...] As identidades não são essências desencarnadas, mas teias complexas de relações materiais e desejos. A tarefa principal mais difícil para cada pessoa é integrar as suas diferentes subjectividades incorporadas (MENDES, 2002:523).

Assim como a identidade está circunscrita pela vivência social, a memória também é coletiva, no sentido que as recordações de um grupo se marcam na lembrança do indivíduo pelo outro. É necessário ter o outro para reforçar ou lembrar a recordação ou as tradições que os grupos tentam conservar. Logo:

(...) se as imagens se fundem tão intimamente com as lembranças, e se elas parecem emprestar a estas a sua substância, é que

nossa memória não é uma tabula rasa, e que nos sentimos capazes, por nossas próprias forças, de perceber como num espelho turvo, alguns traços, e alguns contornos (talvez ilusórios) que nos devolveriam a imagem do passado (HALBWACHS, 1990:26).

Por isso, ao analisarmos o grupo e as relações sociais com seus valores e suas manifestações, é necessário levarmos em conta que as lembranças e imagens dos sujeitos estão configuradas de uma forma que estão relacionadas com o próprio grupo social a que pertencem. A lembrança de qualquer pessoa vai estar ligada à construção histórica e à identificação com o grupo que a constituiu. As relações sociais e culturais dos grupos são marcantes na formação destas memórias coletivas. Se a memória e a identidade são um processo, também é importante perceber as formas do grupo se relacionarem e como vão formatando a idéia de comunidade.

Entretanto, as comunidades constroem um imaginário⁷ reforçado por conceitos míticos e ideológicos, ancorando estes ideais no sentido de resguardar a tradição e os valores e as manifestações, que na verdade, são constantemente reinventados. A reinvenção passa por modificações, imbricações na cultura e no modo de vida. Os imigrantes sofreram neste processo adaptações que, inevitavelmente, abalaram a tradição original.

Assim, podemos afirmar que as tradições dos imigrantes alemães procuram assentar-se no país de origem- a Alemanha- através da imaginação e rememoração dos discursos e símbolos. Os discursos reforçavam a condição de fazer parte de uma nação

⁷ O conceito de imaginário pode ser respaldado a partir de Bronslaw Baczko (1992) no texto *Imaginação Social*, em que o estudo do autor aponta a construção do imaginário da comunidade tendo como referências a representação que determinado grupo tem de sua realidade. Esta pode ser reforçada com a utilização dos símbolos e de discursos. Esta realidade, não raras vezes, é fabricada, para reforçar o imaginário do grupo.

alemã, mesmo sendo paradoxal, já que a unificação da Alemanha como nação era um fato recente na época da imigração. Podemos afirmar que os imigrantes possuíam uma identidade fortemente assentada na identidade nacional de origem. Pode ser elucidado pelo próprio contexto em que se deu a imigração (fim do século XIX, início do século XX)⁸ quando a nação germânica se unificou em ideais nacionalistas e militaristas. Neste caso é importante lembrar que a memória é lembrada nos antepassados, os imigrantes se sentiam fazendo parte da cultura alemã, e não da brasileira, manifesta na tentativa da manutenção nas tradições, mesmo que as tradições sejam uma invenção:

Por 'tradição inventada' entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas, tais práticas, de natureza ritual ou simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente uma comunidade em relação ao passado (...) (HOBBSAWN, 1997:9).

Esta tradição necessita de práticas repetitivas e que se configuram nas manifestações de rememoração dos seus símbolos e crenças. Como exemplo podemos considerar os principais símbolos dos descendentes germânicos a língua materna-representada pelos dialetos, a preocupação com a educação escolar e religiosa que se manifestam nas atividades de lazer. Estes

⁸ Para aprofundar as questões históricas da imigração alemã, ver em KENT (1982). Ainda ver em Elias (1997). É relevante destacar a questão do atraso da Alemanha na entrada no capitalismo. (...) A Alemanha foi um país onde, de acordo com o seu desenvolvimento tardio como nação- Estado, a grande riqueza dos tempos modernos se manifestou relativamente tarde." (ELIAS, 1997: 54)

símbolos e crenças são constantemente modificados e regulados por regras. A tradição é reinventada no campo do trabalho, da religião e do lazer.

Neste contexto histórico e conceitual que abordamos o trabalho. Os primeiros imigrantes alemães do sul do Estado vieram em grupos, na região de São Lourenço do Sul, em 1858, vindo do norte da Pomerânia, uma região que pertencia a Alemanha, que era eminentemente agrícola. A marca dos pomeranos estava associada a terra, eram em sua maioria colonos indo de encontro aos interesses do governo brasileiro em promover a imigração voltada para a ocupação do Estado. Eles sofreram as dificuldades estruturais e econômicas, estavam em terras estranhas, diferentes tanto no relevo, como na língua e nos costumes, ocorrendo desta forma tensionamentos e conflitos, pois a identidade se forma na diferença e pela diferença⁹, que resultaram processos identitários de rememoração e de reinvenção de tradições expressos nas manifestações do cotidiano e do lazer. Entendemos que as identidades como cada vez menos fixas e imóveis. Para tanto, precisamos compreender como os imigrantes fizeram parte deste processo e como foram sujeitos por estas mudanças. Assim reforça Hall (2000):

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas: que elas são na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; e que elas não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a

⁹ O conceito de identidade no artigo é respaldado numa perspectiva dos estudos culturais representados pelos principais autores: Hall (2000; 1997); Smith (1997); Woodward (2000) entre outros.

uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudanças e transformação (HALL, 2000:108).

Evidenciamos que as identidades formadas foram amalgamadas num constante processo de construção e reconstrução, embora grande parte dos descendentes germânicos acredite que suas tradições estão preservadas. Nesta perspectiva, sobre os conceitos de identidade e memória, que são construídos e fabricados, assentados em tradições, símbolos, discursos e crenças analisamos as manifestações de lazer.

Lazer, trabalho e religião - campos que se entrecruzam

Ao analisar o lazer como uma manifestação que constitui uma identidade e memória no grupo, foi preciso perceber a constituição de um campo em que a religião e o trabalho nas comunidades se interligam. Assim, aceitamos a análise de Bourdieu (1994), na definição de um campo. Para ele:

Um campo (...) se define entre outras coisas através da definição de objetos de disputas e dos interesses específicos que são irreduzíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos. [...] Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de habitus que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc. (BOURDIEU, 1994:89).

É visível que os diferentes campos do lazer, do trabalho e da religião para se constituir se deu através de disputas e conflitos. Foi preciso inculcar modos de conduta e um habitus interiorizado para que o campo religioso prevalecesse.

No contexto do cotidiano da comunidade é importante discutir a fragmentação entre trabalho e lazer das sociedades modernas, percebemos que na comunidade rural esta separação é muito tênue, talvez porque o trabalho ligado à agricultura não apareça de forma tão explícita a dicotomia entre tempo de trabalho e tempo de lazer. Não queremos negar que há uma certa hierarquização no trabalho rural, mas o trabalho agrícola apresenta mais autonomia e possibilidades de adaptação com o lazer e a religião na zona rural. Assim, o tempo de trabalho e de não trabalho parecem estar juntos, no sentido que as principais manifestações de lazer desta comunidade possam parecer estar atreladas ao trabalho. Por exemplo, nos ritos e festas religiosas, ou ainda, nas cerimônias de casamento e batizado. Estas festividades têm seu valor na perspectiva de promoverem a manutenção da força de trabalho, de reprodução familiar e na organização funcional do cotidiano.

No cotidiano do grupo analisado, entendemos que há formas de lazer ligadas ao trabalho e à religião, como podemos observar nas festividades e eventos que o grupo participa. Assim, as relações são muitas vezes perpassadas pela religião e servem como foco orientador do lazer e do trabalho.

As festas e eventos se dão principalmente em torno das denominações religiosas, tanto das consideradas pertencente a um Sínodo, ou como aquelas que são chamadas Independentes. As orientações de lazer das denominações religiosas são marcadas por conflitos e tensionamentos na orientação de formas diferentes do lazer. As comunidades ligadas ao Missouri, o grupo analisado, buscou na sua constituição uma orientação moral pietista, ou seja, a figura do pastor era o responsável pela educação de seus fiéis e condenavam as festas e bailes fora do âmbito religioso. Já as

comunidades independentes mantinham um costume contrário, fornecendo uma maior autonomia dos seus membros.

É relevante considerar estas duas instituições religiosas porque elas disputaram e disputam forças nas comunidades de imigração alemã no contexto. E nestes tensionamentos e conflitos podemos visualizar a formação identitária do grupo.

Manifestações de Lazer no Cotidiano

As manifestações de lazer podem ser entendidas a partir das práticas realizadas pelo grupo, ligadas a religião e ao trabalho agrícola que a comunidade realiza. Estas manifestações foram se modificando e se adaptando na construção do cotidiano do grupo. Então observamos que a identidade e a memória deste grupo são perpassados pelas manifestações de lazer.

Neste sentido nos apropriamos do conceito de campo e habitus de Bourdieu, para entender a demarcação de um campo religioso influenciando o lazer e o trabalho. O habitus pode ser entendido como uma disposição relativamente ajustada a uma posição, inculcando condutas e modos de agir no grupo. Bourdieu, (1996) analisa o conceito de habitus ao revelar que:

A estratégia universalmente adotada para eximir-se duradouramente da tentação de sair da linha consiste em naturalizar a diferença e transformá-la numa segunda natureza através da inculcação e da incorporação sob a forma de habitus. (...) O trabalho de inculcação através do que se realiza a imposição duradoura do limite arbitrário visa naturalizar as rupturas decisórias constitutivas de um arbitrário cultural (...) sob a forma dos sentidos dos limites, fazendo com

que alguns mantenham a sua posição ou se conservem a distância enquanto outros se mantêm em seu lugar e se contentam com o que são, a ser o que têm de ser, privando-os assim da própria privação (BOURDIEU, 1996:102-103).

Quando o autor se refere a “sair da linha”, ele quer reforçar que os indivíduos não possuem tanta autonomia de escolha como parece. Na maioria das vezes, a incorporação do habitus se dá a partir de disposições que acabam se naturalizando e se legitimando para se adaptar às condições impostas.

Mesmo com a legitimidade e a naturalização das práticas, ao comparar as manifestações da geração jovem e antiga vemos que os conflitos e as diferenças de gerações que possam haver, nas disposições para as práticas de lazer, por exemplo, acontecem muitas vezes com modos de engendramento, que não podem ser explicados a partir de uma questão de natureza de diferença etária.

Compreendemos, na mesma lógica, que os conflitos de geração opõem não classes de idades separadas por propriedades de natureza, mas habitus que são produtos de modos de engendramento, isto é, de condições de existência que, impondo definições diferentes do impossível, do possível, do provável ou do certo, fazem alguns sentirem como naturais ou razoáveis práticas ou aspirações que outros sentem como impensáveis ou escandalosas e inversamente (BOURDIEU, 1994:64).

Ao que tudo indica as diferentes manifestações e práticas que cada geração possui e as preferências, dos gostos e estilos que

mantém, independentemente da faixa etária como um processo biológico. No trabalho abordamos os modos de engendramento de diferentes gerações, que possuem um contexto histórico diferente nas suas trajetórias de vida. E os fatores que influenciaram estas mudanças estão muitas vezes relacionados com as mudanças econômicas e sociais.

As gerações anteriores estavam organizadas de modo que as disposições na estrutura social do grupo eram bem menos autônomas, porque eles não possuíam um poder de consumo acentuado como na época atual. Observamos que suas práticas tinham especial relevância em práticas ligadas à religião.

Como menciona a depoente da geração antiga, relatando que a diversão deles era relacionada com a igreja. Brincavam de roda (rodas folclóricas) na juventude, cantavam em corais¹⁰. Não se recomendava dançar em bailes públicos, apenas em festas e casamentos, e ainda raras vezes. Em contrapartida, os jovens possuem outras formas de organização, ou seja, outra posição no habitus, as tomadas de posição são mais autônomas e flexíveis nas escolhas, pelo menos aparentemente.

Entretanto, atualmente, o grupo parece estar consolidado nestas manifestações, aparecendo a necessidade da participação da comunidade em atividades similares, ou seja, é raro alguém do grupo participar de uma manifestação de lazer, que não esteja ligada à esfera religiosa e ainda fora da zona rural, como menciona uma depoente da geração jovem sobre esta questão:

“Só saímos para o interior mesmo, tem alguns lugares que são muito conservadores, como essa zona aqui, mas a maioria dos lugares, os ritmos, os rock, os pop rock, essas coisas, a discoteca tomaram quase conta, quem gosta

¹⁰ Depoimento da depoente da geração antiga Herdwig Mueller

de... ah se tem um baile de bandinha, vamos lá, não tem mais este troço, é discoteca, este ritmo, as pessoas preferem discoteca”¹¹

Podemos observar as práticas de lazer dos jovens direcionados pelos meios de comunicação de massa, com outros ritmos. Entretanto, eles são utilizados no mesmo espaço e mantém certa rigidez e participação nestes eventos. Nos locais que os jovens participam eles convivem com grupos parecidos, observando a mesma etnia e grupo social. Há nestes lugares outros grupo de etnias diferentes, entretanto, não há convívio sistemático, até mesmo entre os grupos provenientes da zona urbana. Os espaços de passeio se limitam, quase sempre, na zona rural.

Os jovens relataram que a carga de trabalho é grande, mas, eles participam ativamente das atividades da igreja, bem como de bailes, festas, campeonatos de esportes. Organizam eventos esportivos fora do âmbito religioso para integrarem-se com outros jovens da zona rural e, normalmente entre jovens de comunidades religiosas vizinhas. Podemos invocar MAGNANI (1998) ao analisar o espaço habitado pelo grupo, este não só geográfico, mas o pedaço social manifestado nas relações que o lazer proporciona. Este conceito significa que o pedaço para as gerações jovens parece ser mais mobilizador porque quando os membros jovens participam de festas e campeonatos em outros lugares. Esperam visitas de grupos que possuem um mesmo sistema de preferências. Na verdade, os membros da geração antiga já tinham esta locomoção, ao participar de atividades que eram manifestações que visavam quase sempre o meio familiar, como participação em casamentos, visitas a casas de vizinhos e parentes, batizados, etc.

A modernização do ambiente doméstico é significativa. A maioria das famílias da comunidade possui acesso aos meios de comunicação. Ainda comentaram possuir transporte próprio, como

¹¹ Depoimento do jovem Emerson Janke

motos ou automóveis, para locomoverem-se nas práticas de lazer. Esta mobilidade e flexibilidade maior na geração jovem permite novas formas e arranjos para que lhes possibilitem outras práticas que fogem as orientações religiosas. Ainda, os jovens depois do casamento procuram adaptar as formas de vida e as disposições com a tradição dos mais velhos em função do trabalho. Exigem-lhes mais responsabilidades e modos de engendramento necessários a uma nova posição na estrutura que é vivida com o rito institucional do casamento.

A comunidade está assentada numa tradição em que o casamento é de extrema importância, a fim de que este rito auxilie nas relações de trabalho para garantir a mão-de-obra na agricultura e colaborar no sentido moral e religioso da constituição do grupo numa estrutura familiar e nuclear.

O rito do casamento é importante ser analisado, porque a partir da passagem desta posição de solteiro e jovem a uma posição de casado e mais velho na escala do grupo, modificam-se os comportamentos e as práticas de lazer.

A noção de solteiro ou casado, jovem ou velho, foi colocado na pesquisa como um sentido de representação para a comunidade. Ao usarmos conceitos da antropologia, estamos analisando estas perspectivas numa visão de representação do real pelo grupo. Então, estas manifestações e ritos:

(...) torna-se visível, manifesto, tanto para os outros grupos como para si mesmo, atestando a sua existência, enquanto grupo conhecido e reconhecido, e afirmando a sua pretensão à institucionalização. O mundo social é também representação e vontade; existir socialmente é também ser percebido, aliás, percebido como distinto (BOURDIEU, 1989:112).

O grupo precisa ser aceito na institucionalização dos ritos, não se pode perder a unidade da constituição dos membros da comunidade. Daí a necessidade de se estabelecer o rito do casamento e de seguirem padrões adaptáveis com os estilos e modos de vida das gerações anteriores. É curioso perceber que, ao mesmo tempo, em que há oposições, há também aceitação e preservação de certos padrões, talvez, porque a necessidade de representação do grupo seja grande e necessária.

Para tanto, precisamos entender o conceito de rito de passagem ou de rito de instituição a partir de Bourdieu ao definir o que é um rito:

Falar em rito de instituição é indicar que qualquer rito tende a consagrar ou a legitimar, isto é, a fazer desconhecer como arbitrário e reconhecer como legítimo a natural um limite arbitrário, ou melhor, a operar solenemente, de maneira lícita e extraordinária, uma transgressão dos limites constitutivos da ordem social e da ordem mental a serem salvaguardados a qualquer preço, como no caso da divisão entre os sexos por ocasião dos rituais do casamento [...] (BOURDIEU, 1989:98).

Na exemplificação do autor citado, é colocado como possibilidade a consagração e a legitimação do rito numa posição na estrutura, produzindo no habitus dos sujeitos comportamentos e adaptações para a adequação das práticas orientadas pelo rito. O rito consagra ao esperar determinados comportamentos destes solteiros ou casados. A primeira coisa que se forja neste contexto é considerar este rito como natural, e instituir e moldar uma identidade que precisa ser perpetuada. Os ritos surgem para

legitimar a identidade e a construção coletiva da estrutura que o grupo possui. As responsabilidades depois do casamento, especialmente no trabalho, modulam as formas de lazer, instituindo uma nova forma de comportamento.

Percebemos a partir das observações e das entrevistas estas questões, como se fossem naturais e pré-determinadas. A participação dos jovens na igreja, no departamento juvenil se dá antes do casamento. Após o casamento eles ocuparão outras responsabilidades no espaço religioso.

Depois de casado eles saem menos, aí sempre tem mais responsabilidade, como para mim agora melhorou, depois que meu irmão casou, parece que eu posso sair mais, porque eles estão sempre em casa, pra mim é bom, né, senão de noite eu tinha que ficar em casa, tratar os animais, agora eles estão em casa e eles assumem mais estas responsabilidades. Quando se é solteiro é melhor de sair, depois de casado, parece que sempre muda, aí sempre tem coisas pra fazer em casa, tratar os animais, não é como se é jovem.¹²

Ao assumirem este papel, após o rito de casamento, os modos e as práticas cotidianas vão se modificando e cedendo lugar para outras formas de comportamentos.

Outro rito de passagem significativo orientado pela igreja, além do rito de casamento, é o rito de confirmação. É quando a criança deixa da infância para a vida jovem. Depois de alguns anos que a criança estuda a bíblia e o catecismo, ela tem o direito de

¹² Depoimento da jovem Mariza Buchweitz

participar da comunhão e acima de tudo, tem a permissão gradativa de participar em festas e bailes, pois, pode ser considerada jovem.

Estes jovens também poderão participar dos eventos religiosos próprios para eles, como os congressos¹³. Este evento mantém atividades religiosas com palestras e formação espiritual com jogos, teatro e convivência. Mas, alguns tensionamentos e conflitos acontecem, devido a falta de controle em que os jovens participem efetivamente da parte espiritual e não queiram estar apenas envolvido com os jogos e as diversões. Na observação de um destes eventos observei um mecanismo de controle que os jovens só poderiam participar dos jogos no domingo, se eles tivessem inscritos no sábado e tivessem assistido a palestra religiosa. Estas observações remetem de forma mais clara aos conflitos existentes entre a orientação da igreja e ao escape dela.

Entretanto, a necessidade de pertencimento de um grupo parece ser evidente, pois, os indivíduos mesmo estando e confronto com a ordem estabelecida, procuram estar com o grupo.

É possível notarmos que há necessidade de ser compartilhado o tempo de lazer desta comunidade, no sentido da ligação que ocorre entre os seus membros como redes. As redes de socialização aparecem dando sentido e pertencimento de grupo. As atividades em relação ao trabalho, lazer e na própria religião, tratando-se de separar em campos de forma conceitual, estão interligados e interrelacionados, permeando a construção da identidade do grupo.

É interessante notarmos as redes formadas na comunidade para as práticas de lazer que acabam sendo inseridas na cultura. Como estas práticas modulam e performam o comportamento. Como as situações de vida podem ser sentidas no espaço e são definidas dentro da posição da estrutura. O grupo procura participar

¹³ Nas comunidades da IELB, há congressos anuais entre comunidades próximas. Este evento tem a duração de dois dias (sábado e domingo). Cada ano o congresso é realizado em uma determinada comunidade. Neste ano o congresso foi realizado na Colônia Triunfo.

dentro do seu espaço em que são reconhecidos e tem sentido de pertencimento:

“As festividades das igrejas aqui da volta é bem bom, tudo gente que se conhece, tudo gente conhecida. Nos bailes grandes já tem gente da cidade, falam diferente, tem costumes diferentes.”¹⁴

“A gente que está junto assim é quase sempre o mesmo, sempre a mesma turma”¹⁵

Percebemos que as atividades acontecem no espaço que o grupo se sente fazendo parte de sua comunidade. Na maioria das vezes, com grupos similares a eles, que se encontram em regiões da zona rural e com costumes e práticas parecidas. Apesar de haver intercâmbio, podemos dizer que as relações podem se dar entre jovens de comunidades diferentes, mas com costumes que sejam partilhados e aceitos pelo grupo.

O que dá sustentação às redes sociais é a língua falada no grupo. Na comunidade estudada os jovens preservam o dialeto pomerano, e nas manifestações de lazer se utilizam da linguagem pomerana para se comunicarem. A necessidade de se estabelecer vínculos é importante para o grupo, é percebida a interação na comunidade por partilhar não só mesmo o espaço físico, mas também de participar das manifestações culturais, que aparecem tantas vezes no lazer.

A rede é construída e formada pelo grupo sob os mesmos interesses e objetivos. Por exemplo, a comunidade possui aspirações similares no trabalho e satisfação nas práticas de lazer.

¹⁴ Depoimento da jovem Mariza Buchweitz

¹⁵ Depoimento da jovem Cristiane Bergmann

Conseguem enxergar e acreditar numa certa unidade, estabelecendo alguns códigos comuns, a língua utilizada e a participação dos mesmos espaços e eventos. Entretanto, não podemos deixar de mencionar que também acontecem conflitos e tensionamentos neste lugar de sociabilidade. O grupo nas práticas de lazer busca coletivamente espaços de sociabilidade que se manifestam nos eventos e festas. Mas precisam estar de acordo com as expectativas consolidadas do grupo. Daí a necessidade de procurar estabelecer relações com grupos semelhantes para assim melhor se identificar. Além disso, esta solidariedade que procuram consolidar é marcada por um ideal de representação muito forte ligado a cultura e etnia que pertencem.

Considerações Finais

As relações de lazer são permeadas por um processo de identidade e memória produzindo formas e modos de sociabilidade entre o grupo. Assim, observamos que o contexto histórico da Alemanha na época da imigração ajuda a entender os processos de fabricação de identidade e como ela foi construída e reinventada. Por outro lado, os imigrantes preferiram acreditar que as tradições trazidas pelo país de origem dependiam da etnia e da raça que estão ligados.

Percebemos que o imigrante para se adaptar a um novo lugar foi preciso fazer concessões e construções que possibilitassem uma melhor adaptação. Eles tiveram que se adaptar a maneira organizacional do trabalho às condições climáticas e a cultura do país que chegaram. Por isso, suas relações na esfera do trabalho foram modificados e sendo influenciadas pelas esferas da religião e do lazer.

Especificamente em relação às manifestações de lazer visualizamos que devido à particularidade da colonização germânica pomerânia da Colônia Triunfo e praticamente na região sul do Estado do Rio Grande do Sul de colonização alemã, o lazer está

fortemente ligado à religião, diferente de outras regiões do Estado, que as vias de lazer se dão através das sociedades recreativas de lazer.

A esfera do lazer constrói e formata identidades e memórias destas comunidades nas suas diferentes manifestações. Nestas manifestações acontecem tensionamentos e conflitos, em especial, quando o lazer foge da esfera religiosa. Vemos os tensionamentos mais claramente nas gerações mais jovens em determinada época do sujeito. Consideramos que a esfera religiosa perde espaço para outras manifestações de lazer num período da vida dos jovens, ou seja, aqueles “confirmados”, que começam a sair e ter uma certa autonomia em relação as escolhas de lazer. Não consideramos esta autonomia como liberdade total de escolha, já que o grupo não sai totalmente da orientação religiosa. Há um período vivido pelos jovens chamado de “período consentido” pelo restante da comunidade, em que todos sabem que vai ser temporário, será apenas uma fase, em que os jovens irão se afastar da orientação religiosa, mas poderão retornar com o rito do casamento.

O grupo de jovens não consegue afastar-se plenamente da comunidade, por estarem vinculados às relações de lazer, representados pelo espaço da igreja. Muitos não vão as reuniões de jovens ou não vão aos cultos, mas acabam participando de outros eventos que se dão no espaço da igreja, como os campeonatos, jogos, ou se reúnem para irem a um baile próximo.

Daí a importância deste grupo fazer parte da comunidade, ter este sentido de pertencimento e sociabilidade. Por isso, que provavelmente, não ocorreu um distanciamento completo dos valores do grupo. Existe também a concessão para diferentes atividades por um período. A comunidade entende que todos precisam se sentir parte do grupo, não podem sair dele, pois a identidade construída por todos é reforçada nas relações de sociabilidade e na necessidade de pertencer a ele. A memória e a identidade são reinventados e perpassadas pelas manifestações de

lazer, através dos discursos, símbolos e crenças. Estes símbolos e crenças procuram dar sentido de pertencimento, gerando um espaço de construção e transformação permanente.

Bibliografia

- ANJOS, Marcos Hallal dos. Estrangeiros e modernização: a cidade e Pelotas no último quartel do século XIX. Pelotas. UFPEL, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. A Economia das trocas lingüísticas: o que falar e o que dizer. São Paulo. USP, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. IN: ORTIZ, Renato (org). *Pierre Bourdieu*. São Paulo. Ática, 1994. (Col. Grandes Cientistas), p. 46-81
- BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Lisboa. Difel, Bertrand Brasil, 1989.
- BRONISLAW, Baczko. Imaginação Social. Enciclopédia Einaudi, *Anthropos*, vol 5, 1982.
- DREHER, Martin Norberto. Igreja e Germanidade: Estudo Crítico da História da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Porto Alegre. EST, 1984.
- ELIAS, Norbert. Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1997.
- GERTZ, R. E. O perigo alemão. Porto Alegre. Ed. da Universidade UFRGS, 1998.
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo. Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? IN: SILVA, Tomás T. da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.
- HALL, Stuart. Identidades Culturais na pós-modernidade. Rio de Janeiro. DP & A, 1997.
- HOBBSBAWN, Eric. A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

- KENT, George O Bismark e seu tempo. Brasília. Universidade de Brasília, 1982.
- MAGNANI, José Guilherme cantor. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. 2º ed. São Paulo, UNSEP, Hucitec, 1998.
- MATTA, Roberto da. Relativizando: uma introdução à antropologia social. Petrópolis, Vozes, 1981.
- MENDES, José M. O desafio das identidades. IN: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.) *A Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 503-540.
- SMITH, Anthony D. A identidade nacional. Lisboa: Gradiva, 1997. *Cap. 1: Identidades nacionais e outras*, p 13-33.
- TEICHMANN, Eliseu. Imigração e Igreja: As comunidade- Livres no Contexto da Estruturação do Luteranismo no Rio Grande do Sul. São Leopoldo, Instituto Ecumênico de Pós Graduação, Tese de Mestrado, 1996.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, Tomaz T. (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Vozes, 2000. p. 103- 133.

Recebido em: 19/05/2009

Aprovado em: 22/09/2009

Publicado em: 03/11/2009